

Leituras Geográficas Sobre o Rio G. do Sul

Eddy Flores Cabral, Técnico em educação da Secr. de Educação e Cultura e bacharel em Geografia.

Grande dificuldade encontram os nossos professores de ensino primário ou normal, quando desejam usar material de leitura geográfica em suas aulas, nos diversos graus onde se estuda Geografia do Rio Grande do Sul. Ou os livros de nossos melhores escritores estão esgotados ou são dificilmente encontrados nas livrarias.

São também muito escassas as composições literárias que podem ser usadas na íntegra e sem adaptações, para fins didáticos, principalmente no curso primário.

Ainda mais: os textos com caráter geográfico estão dispersos em toda uma vasta bagagem literária, dificultando ainda mais o trabalho de pesquisa.

Daí a necessidade de manterem esses professores uma constante pesquisa e providenciarem na organização de um fichário que reúna textos geográficos extraídos da nossa melhor literatura local e que venha a constituir, com o decorrer do tempo, valiosa coletânea, pronta a prestar serviço sempre que o desenvolvimento da aprendizagem assim exigir.

Indiscutivelmente muitas vantagens apresenta o método de ensino de geografia que inclua largo uso de textos literários.

Quando bem selecionados, esses textos, além do outros benefícios;

- influem favoravelmente sobre os sentimentos, ideais, atitudes e emoções do educando,
- estimulam e controlam a imaginação infantil, revelando, muitas vezes, capacidades literárias até então latentes,
- aumentam as experiências intelectuais,
- contribuem para ampliar o vocabulário, e
- promovem o desenvolvimento do gosto artístico na criança.

Muita importância têm essas leituras para o estudo de Geografia, mas devem ser cuidadosamente selecionados pelo professor, a fim de despertarem o interesse do aluno e serem atingidas as finalidades educativas. Exige-se que sejam temas;

- diretamente relacionados com o assunto em estudo,
- escritos em linguagem literária,
- acessíveis ao grau a que se destinam (na forma, na linguagem, no pensamento, no assunto, no sentimento, etc),

— exatos do ponto de vista da ciência geográfica, não se perdendo de vista que a criança não está dotada de senso crítico necessário para que se lhe proporcionem conhecimentos de certos aspectos muito realistas (no caso da antropogeografia).

Os textos geográficos poderão ser: excertos de nossa literatura, extratos de documentos, relatos de viagens ou explorações, resultados de expedições científicas, fragmentos de geografia antiga, etc; devem ser escritos por autor fidedigno, em cujas opiniões nos posamos basear e não convém que sejam muito extensos.

Uma vez selecionados pelo professor e havendo material variado e abundante, as leituras poderão ser oferecidas aos alunos, para que êles as escolham segundo suas capacidades e suas preferências.

As leituras geográficas não substituirão a exposição do professor, mas servirão para completar, ilustrar, fundamentar, esclarecer, reforçar, vivificar, aprofundar e, até em certos casos, comprovar a aprendizagem.

Tôda leitura deverá trazer a indicação bibliográfica expressa, para iniciar a criança ou o jovem no contato e na apreciação dos nossos homens de letras. Além disso, essa indicação pode levar o aluno mais amadurecido a realizar pesquisa por si e a se dirigir no estudo de algum outro assunto, que particularmente o interesse.

Por isso, sempre que se fala em leitura geográfica, tem-se de referir a necessidade de uma biblioteca na classe ou na sala ambiente, ou em uma coleção de recortes devidamente selecionados, ou ainda em fichários de textos, organizados segundo os mais variados critérios, mas de maneira a facilitar a busca no exato momento que o trabalho pedagógico exigir.

Exemplo: Um professor reuniu vários textos geográficos sobre o Rio Grande do Sul e os organizou em um fichário, segundo o critério do grau de dificuldade, que os mesmos apresentavam para o aluno. Assim, havia três divisões distintas, nêsse fichário:

- textos exclusivamente para o professor ler ou recitar;
- outros que teriam de ser precedidos de um prévio trabalho de análise e comentário pelo professor e pelos alunos para, então, serem entregues à classe;
- outros ainda que, pela simplicidade, poderiam ser usados diretamente pelos alunos.

Como subsídio a uma coletânea dessa espécie, damos abaixo, uma série de textos extraídos de nossa literatura regional, diretamente relacionados com aspectos geográficos e que podem ser usados com finalidade didática:

Clareza — Pedro Vergara (Terra Impetuosa - Globo - 1927)

Êstes versos são teus,
terra de luz —

onde os poentes são tão lentos, tão morosos, tão demorados
que até parece que o sol tem pena de te deixar...
e onde as auroras morrem tão tarde
que já é dia claro e os astros noturnos ainda te olham
desmaiando de saudade...

Terra tão alta, terra tão larga, terra tão cheia de claridade!
Deus colocou perto do mar os dois espelhos das duas lagoas
para que a lua e as estrêlas viessem nascer dentro de ti...

Lagoa dos Patos — Alfredo Varela (Rio Grande do Sul)

“É imponente a vista da Lagoa dos Patos; em tudo ela recorda o Oceano, não só pela vastidão das águas, que se empinam não raro com a fúria das que arrebetam do outro lado da península, na costa do mar”.

Rio Taquari — Alfredo Varela (Rio Grande do Sul)

“Dilata-se a vista diante da perspectiva soberba do rio Taquari, da imponência das montanhas, do luxo da mataria e da aprazível contemplação das cachoeiras e outras quedas-d’água.”

Paisagem morta — Apolinário Pôrto Alegre

“Eram os campos da Vacaria.

Ao norte o Rio Pelotas arquejava, descantando febrilmente um requiem; ao sul o Taquari o acompanhava em notas não menos lúgubres; de um lado o lombo verde da Serra Geral interceptando o horizonte...”

Outra charla — Vargas Neto (Tropilha Crioula e Gado Chucro)

O gaúcho sempre há de viver
enquanto o Rio Grande não morrer...
Porque o gaúcho é como o cinamomo,
duma ponta de raiz brota de novo
e um outro cinamomo ficará de pé.
Não acaba, não senhor!
Há de sempre viver lindo e sestroso...
Nem o tempo há de vencê-lo...
Um gaúcho se mata e não se vence,
mas êle é mesmo que capim teimoso...
Se a geada mata no inverno,
na primavera volta mais viçoso!

Rio Grande — Vargas Neto (Tropilha Crioula e Gado Chucro)

Rio Grande do meu orgulho, meu rincão!
O teu mapa anda batendo no meu peito
por que tens a forma do meu peito •

Pago — Antero Corrêa de Barros

Pago é a Querência, o Rincão!...

São as estâncias, galpões,
velhos ranchos e taperas,
canhadas e coxilhões;
matos verdes e restingas,
os banhadais, os capões!
Pago!...

Os rebanhos e as manadas,
os rodeios, marcações!
As tosas, as carreteadas,
as tropeadas, domações!
Pago!...

Bochinchos e carreiradas,
os desafios e as canções;
gaúchos e gauchadas,
acordeonas e violões!
Pago é o guasca atrevido,
Índio guapo, decidido,
no lombo do seu bagual!
E a chinoca bonita,
no seu vestido de chita,
que não conhece rival!
Pago é tudo o que encerra,
êste bocado de terra,
que o mundo não tem igual!
Pago é pedaço do céu,
do infinito campo azul,
que escapou das mãos de Deus,
para o Rio Grande do Sul!

Simões Lopes Neto — (Contos Gauchescos e Lendas do Sul)

— Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso zigue-zague. Já sentí a ardência das areias desoladas do litoral; já me recrei nas encantadoras ilhas da lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive o estremecimento do mêdo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi mal-me-queres nas planícies do Saicã, oscilei sôbre as águas grandes do Ibicuí; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em São Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temeperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupanciretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...

— Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranqüila na encosta da serra, emergindo do verde negro da montanha copada o casarão, branco, como um fantástico algodão em explosão de casulos.

— Subi aos extremos do Passo Fundo, deambulei para os cumes da Lagoa Vermelha, retrovim para a merencória Soledade, flor do deserto, alma risonha no silêncio dos écos do mundo; cortei um formigueiro humano na zona colonial.

— Da digressão longa e demorada, feita em etapas de datas diferentes, êstes olhos trabem ainda a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da uberdade, da hospitalidade,

— Vi a colmeia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas; vi a serra, os rios, a campina e as cidades; e dos rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo, êstes olhos, pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo de luz, a impressão da visão sublimada e consoladora; e o coração, quando faltar o ritmo, arfará num último gesto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz.”

Pampeiro — Vargas Neto (Tropilha Crioula e Gado Chucro)

Dispararam a um tempo
Tôdas as tropas da Querência!
E ficaram invisíveis na corrida
deixando o estrondo da cruzada nos ouvidos
e o rasto da passagem nas estâncias.

Ê o vento que sacode a alma do pampa...
O pampeiro vertiginoso varrendo as várzeas verdes
e raspando as coxilhas arrepiadas de terror!

As árvores, que enlouqueceram na tormenta,
atiram os galhos zonzos pelo ar,
e os espinhos, que ficaram doidos,
querem, por fôrça, se atirar no chão...

Ê o pampeiro, que leva tudo nos encontros,
mexendo as águas, descobrindo casas,
com os cascos invisíveis do tufão,
deixando o rastro por onde êle passa,
como uma tropa que não se enxergasse,
e não parasse de correr, tocada
pelo susto do próprio barulhão...

